
*Fronteiras fluídas: a circulação de experiências
e a consolidação de um imaginário
migratório em Criciúma – SC*

*Fluid borders: the circulation of experiences and the consolidation
of a migratory imaginary in Criciúma – SC*

*Michele Gonçalves Cardoso**

Resumo: Nas últimas décadas, a circulação de narrativas protagonizadas por migrantes tem sido uma constante em Criciúma – SC. Desde a década de 1960 muitos elementos ligavam a cidade aos Estados Unidos, constituindo, dessa forma, um imaginário em torno do “sonho americano”. O contexto econômico de fins dos anos 1980 fez com que muitos criciumenses percebessem na migração uma possibilidade de realizar seus sonhos. O imaginário migratório presente na cidade contribuiu para estimular o fluxo migratório consolidando as redes de informações entre o local de origem e o destino dos fluxos. Essas redes marcam a partida e o retorno do migrante. É exatamente no retorno que a experiência migratória evidencia que a migração vai muito além da travessia de fronteiras físicas.

Abstract: In recent decades the circulation of narratives protagonized by migrants has been a constant in Criciúma – SC. Since the 1960s many elements associating the city with the United States thus constituting an imaginary around the “American dream.” The economic context of the late 1980s made many criciumenses perceive in the migration a chance to realize their dreams. The migratory imaginary, present in the city helped stimulate the migration consolidating information networks between the place of origin and destination of flows. These networks, mark the departure and the return of migrants. And it is exactly in the return that the migratory experience shows that migration goes far beyond the crossing physical boundaries.

Palavras-chave: Migração. Retorno. Redes Sociais.

Keywords: Migrations. Return. Social Networks.

* Mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina; Doutoranda em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina; Professora do curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense/UNESC; *E-mail:* michelegc@unescc.net

Nos últimos anos, o cotidiano dos criciumenses vem sendo marcado pela presença constante de informações sobre processos migratórios. São narrativas de travessias épicas; de facilidades na aquisição de bens de consumo; da possibilidade de materializar sonhos de uma vida inteira em poucos anos; de conhecer outros países; e retornar à cidade natal. A circulação de notícias sobre a possibilidade de migrar – em especial para os Estados Unidos – colocou Criciúma no *ranking* das dez cidades brasileiras com maior número de emigrantes nos Estados Unidos.¹ (MARTES, 1999, p. 56). Nesse sentido, este artigo pretende evidenciar alguns elementos presentes na cidade que auxiliaram na constituição de um imaginário migratório que incentivou muitos criciumenses a buscarem o “sonho americano”.

Na busca de tentarmos entender quais fatores tornaram Criciúma um ponto de partida para o Exterior, faz-se necessária uma contextualização da cidade nos últimos anos. A cidade de Criciúma teve seu desenvolvimento econômico, urbano e populacional a partir da atividade carbonífera realizada na região. A exploração industrial desse minério se efetivou a partir da década de 1910. Contudo, no decorrer dos anos, a extração do carvão se mostrou uma atividade bastante instável, apresentando muitos momentos de crise. Dessa forma, para melhor entender as transformações do setor carbonífero, Carola (2002, p. 15-23) identificou cinco fases que caracterizaram o processo de surgimento, crescimento e crise da atividade carbonífera.²

A primeira fase compreende o período entre 1880 e 1930. Foi nesse momento que surgiu a Estrada de Ferro Donna Thereza Cristina e as primeiras companhias de mineração: Cia. Brasileira Carbonífera Araranguá S.A. (1917); Cia. Carbonífera Urussanga S.A. (1918); Cia. Carbonífera Próspera S.A. (1921); Cia. Carbonífera Ítalo-Brasileira Ltda. (1921) e Cia. Nacional de Mineração Barro Branco S.A. (1922). (Carola, 2002, p. 16). É importante ressaltar, ainda, que a Primeira Grande Guerra foi um elemento impulsionador dessa atividade no período.

A segunda fase (1931-1953) é marcada pelas leis protecionistas aprovadas por Getúlio Vargas em prol do carvão nacional.

Em 1931 o governo Vargas decretou a obrigatoriedade do consumo de 10,0% de carvão nacional. Em 1937 a cota foi elevada para 20,0%. Além desses dois decretos foram editados outros que beneficiaram diretamente o carvão catarinense, como o Decreto 4.613 de 1942 que dentro do “esforço de guerra”, encampou toda a produção elevando-a de 204.181 toneladas em 1939 para 815. 678 toneladas em 1945. (GOULARTI, 2001, p. 55).

Já na década de 1940, a atividade carbonífera passou novamente a se fazer presente no cenário nacional por conta da Segunda Grande Guerra. Em 1946, Criciúma recebe o título de “Capital Brasileira do Carvão”, título que vai constituir o imaginário e a identidade de cidade carbonífera, atribuindo ao carvão o progresso criciumense. Nesse mesmo ano, é inaugurado o “Monumento aos Homens do Carvão”, objetivando homenagear aqueles que “baixavam a mina” em busca da riqueza da região. Importante é ressaltar que o monumento foi erguido por conta do Congresso Eucarístico do Sul do Estado de Santa Catarina, realizado entre 25 e 29 de dezembro na cidade. Segundo Dorval do Nascimento (2006, p. 43), “através do Monumento conjugaram-se os esforços da igreja católica, na realização do Congresso Eucarístico, e dos empresários do carvão, em comemoração à implantação da indústria do carvão em Criciúma”. Dessa forma, buscava-se, através do catolicismo, reforçar um combate ao comunismo e às ideias esquerdistas de modo geral, que se faziam presentes na cidade, naquele período.

A terceira fase tem início em 1953 e se encerra em 1973. Em 1953, “foram criados o Plano Nacional do Carvão e a Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional (Cepcan), que tinham por objetivo conjugar as atividades de produção, beneficiamento, transporte e distribuição do carvão”. (GOULARTI, 2001, p. 108). Ainda nesse ano, o governo editou o Decreto 33.233, que visava abrir crédito para 15 mineradoras no valor de 13,7 milhões de cruzeiros. Em 1956, foi estabelecida uma cota mensal de transporte de carvão de 120 mil toneladas a serem consumidas pela Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), sendo que em abril de 1960 essa cota passou para 324 mil toneladas. Contudo, em 1970, a Cepcan foi extinta anunciando, assim, uma crise no setor, que já manifestava sua instabilidade perante a concorrência com o petróleo. Porém, a

conjuntura nacional se transformou e deu novo vigor ao setor, iniciando, portanto, sua quarta fase.

Em 1973, inicia a quarta fase com a crise mundial do petróleo. Com essa crise o governo federal precisou rever sua política energética e projeta quintuplicar a produção no período entre 1980 e 1985, visando à substituição de 170 mil barris de petróleo/dia por equivalente em carvão. (VOLPATO, 2001, p. 32). O aumento da produção também elevou a mecanização das minas. No entanto, passado o período de crise do petróleo, o governo reviu sua política energética e aboliu os subsídios ao setor carbonífero. Assim, se encerra a quarta fase em 1985,

ano em que se atinge a maior produção de toda a história da indústria carbonífera catarinense. Nesse ano, havia cerca de 15 mil trabalhadores nas minas, e a produção de carvão bruto atingiu mais de 19 milhões de toneladas, maior índice da história. A partir de 1985 começa o processo de redução dos subsídios e abrem-se as portas para o carvão importado. (CAROLA, 2002, p. 23).

É nesse contexto que tem início a quinta fase, uma fase marcada pela decadência da atividade carbonífera. Em 1992, o governo Collor realiza o corte dos subsídios ao setor acentuando a crise. Dessa forma, o setor que foi durante muitos anos o carro-chefe da economia criciunense passou a lutar pela sua sobrevivência. A crise da atividade deixou um saldo de intensa destruição ambiental e centenas de trabalhadores desempregados.

Nessa breve periodização, ficou em evidência que a atividade carbonífera apresentou muitos altos e baixos principalmente por conta da necessidade de subsídios por parte do governo. Nesse sentido, já se falava de uma diversificação da economia criciunense desde a década de 1960. Nesse período, a Associação Comercial e Industrial começou uma campanha propondo aos empresários locais que abrissem negócios com o objetivo de atrair empresas externas ao município e também criticavam a dependência ao setor carbonífero que, por conta de sua inconstância, não permitia à cidade um futuro estável. (NASCIMENTO, 2006, p. 52).

Foi nesse período, também, que o setor cerâmico passou a receber estímulos econômicos para ser incrementado. A política do Sistema Financeiro Nacional de Habitação impulsionou e dinamizou a produção de pisos e azulejos. Essa atividade, realizada paralelamente à extração de carvão, se tornou bastante representativa na economia da região, sendo que em 1985 o setor de revestimentos cerâmicos representava 25% do Valor de Transformação Industrial (VTI) (SANTOS, 2007, p. 45). Contudo, em 1990, as indústrias ceramistas passaram por uma profunda crise que restringiu as vendas ao mercado interno. Assim, para se adequar ao mercado internacional, essas indústrias passaram a incorporar novas tecnologias.

Essa reestruturação, pautada na incorporação de tecnologias providas da Itália, teve efeitos na produção ceramista: levou o Brasil a ocupar o 4º lugar na produção mundial de cerâmicas, e Criciúma passa a ser considerada como pólo nacional das indústrias de revestimento cerâmico. (SANTOS, 2007, p. 45).

Contudo, o investimento tecnológico também acarretou mudanças nos empregos gerados pelo setor. Se em 1960 o setor gerou algo em torno de 15 mil empregos, em 1992, gerou somente 4.895 empregos diretos. (SANTOS, 2007, p. 45). O aumento da utilização de máquinas foi proporcional ao aumento do desemprego.

Dessa forma, podemos evidenciar que o início dos anos de 1990 foi bastante conturbado para a economia cricumense, pois dois setores que eram responsáveis por empregar um grande número de trabalhadores passaram por transformações e deixaram na cidade um grande número de desempregados. O declínio dessas atividades gerou um sentimento de insegurança entre os cricumenses, pois passou a representar um futuro profissional incerto para as novas gerações.

É nesse cenário, que podemos inferir que os cricumenses investiram em novas alternativas para fugir da crise, sendo uma delas a migração. No entanto, vale ressaltar que não se busca efetivar uma relação de causa e efeito entre a crise econômica desse período e a migração aos Estados Unidos. Não é a profunda crise da mineração e a utilização de novas tecnologias no setor ceramista que, sozinhas, vão induzir à migração. A

compreensão desse período procura situar o momento em que a migração internacional vai se caracterizar em como fluxo contínuo, contudo, devemos buscar compreender outros elementos que estavam presentes na cidade e que incentivaram a migração internacional. E mais, buscar compreender por que o fluxo migratório se dirigiu aos Estados Unidos e não a outros países. Com vistas a compreender melhor essas questões, faz-se necessária a análise da constituição de um imaginário citadino voltado à migração, imaginário esse que promoveu um estreitamento dos laços entre Brasil-Criciúma-Estados Unidos.

Imagens do *Tio Sam*: a circulação do sonho americano em Criciúma

Pontuamos alguns aspectos que podem ter favorecido os criciuenses a procurarem a migração como alternativa aos problemas financeiros vivenciados na cidade e no País. Mas por que essa migração foi direcionada aos Estados Unidos? Para que se compreendam os elementos de aproximação entre o país da América do Norte e o sul catarinense, podemos destacar alguns aspectos que ligavam os dois lugares.

A circulação de notícias sobre os Estados Unidos era algo bastante comum na década de 1960, em Criciúma. O principal jornal da cidade o *Tribuna Criciumense* mantinha uma coluna periódica intitulada *Isto é fato* (em alguns momentos intitulada como *Um fato em foco*).³ Essa coluna tratava de temáticas variadas: desde notícias políticas até possibilidades de lazer naquele país. Os desenvolvimentos tecnológico e militar também são evidenciados em várias edições. A forma como o texto é apresentado parece naturalizar as distâncias entre os dois países e destacar como o *American way of life* deveria se tornar uma referência global. Importante é destacar que essas notícias eram veiculadas no período da Guerra Fria, ou seja, em meio à inconstância política e o medo generalizado. Assim, os Estados Unidos emergiam como local de progresso econômico e tecnológico, possibilidade de realização dos sonhos e proteção contra a iminência de um conflito, já que as tecnologias militares apresentadas no jornal buscavam evidenciar que o país possuía os melhores armamentos, e que sua população estava protegida.

A circulação dessas notícias juntamente com o imaginário estadunidense propagandeado através do cinema – que estava presente

na cidade desde a década de 1940 – ajudaram a construir o “sonho americano” de muitos criciumenses.

Podemos apontar, ainda, outro fator de grande importância para as conexões entre Criciúma e Estados Unidos, pois, no final da década de 1960, o criciumense Jaci Carminati protagonizava uma história repleta de aventuras e sucesso econômico que difundiu na cidade sonhos e representações sobre a migração. Jaci Carminati é considerado por muitos (e por ele mesmo) como sendo o *pioneiro* o primeiro criciumense a ir trabalhar nos Estados Unidos. Ele atribui a sua trajetória à motivação e que ela sirva para muitos outros criciumenses. Jaci estudou em seminário em Minas Gerais e lá conheceu um colega que, posteriormente, migrou para os Estados Unidos. Com esse contato estabelecido em 1966, Jaci decidiu trilhar os caminhos migratórios. Depois de estabelecido naquele país, levou seu irmão Dino em 1969. Os dois irmãos decidiram em 1970 fazer uma viagem de carro dos Estados Unidos à Criciúma, uma viagem encarada como aventura que foi noticiada por uma rádio local criciumense. Assis e Campos narram que

a viagem de Mustang da América para Criciúma foi narrada como aventura, com um misto de orgulho e saudade. Dino conta que foram de carro até o Panamá. De lá, como não havia mais estrada, o carro embarcou em um barco e eles foram de avião para Lima, no Peru. No Peru passaram uma semana, aguardando o carro e conhecendo a cidade e seus locais históricos. (2009, p. 85).

A chegada dos aventureiros à Criciúma teve grande repercussão, já que muitos haviam acompanhado a trajetória dos irmãos através da cobertura realizada pela Rádio Criciumense. Em seguida, ambos retornaram aos Estados Unidos. Posteriormente, as suas esposas, Mirces e Neide juntaram-se a eles naquele país. Já em 1980, a família Carminati decidiu retornar à Criciúma. Nesse primeiro retorno, os irmãos Carminati abrem uma rede de danceterias, sendo três boates na cidade de Criciúma e uma no Balneário Rincão.⁴

Por conta dos seus empreendimentos, a trajetória desses irmãos se espalhou pela cidade. A experiência migratória deles é considerada de sucesso e, por isso, serve de referência para tantos daquela cidade. Além da repercussão por conta de seus investimentos, Jaci também se destacou

na mídia local através de sua coluna num dos jornais da cidade, mantida durante a década de 1990. Ele também possuía uma pequena empresa em Boston que objetivava orientar os emigrantes na realização de algumas atividades, tais como: “tirar a carteira de motorista, pagarem taxas ao governo norte-americano e fazerem remessas ao Brasil”. (ASSIS; CAMPOS, 2009, p. 88). Jaci também promoveu muitos eventos tanto na cidade de Criciúma quanto nos Estados Unidos. Alguns desses eventos buscavam arrecadar fundos para o filme de seu filho Roberto Carminati. Roberto lançou em 2003 o filme “A Fronteira”,⁵ que trata da experiência de emigrantes brasileiros desde a travessia da fronteira México-Estados Unidos e até dos problemas com documentação, mercado de trabalho e relações familiares. Esse filme deu visibilidade ao diretor que foi convidado a dar assessoria ao núcleo da novela *América* da rede Globo, novela que também trazia como enredo principal o “sonho de fazer a América”. Posteriormente, Roberto lançou outros filmes em que manteve parcerias com estúdios estadunidenses. Muitas das locações desses filmes ocorreram na cidade de Criciúma.

De modo geral, podemos perceber que a exposição da família Carminati na mídia fez a sua trajetória conhecida na cidade. A figura de Jaci Carminati, principalmente, é vista como o “migrante que deu certo”, aquele que “conquistou a América” e obteve seu sucesso. Essa trajetória bem-sucedida acalenta os sonhos de muitos criciumenses e ajudou a constituir um imaginário voltado à migração, entendendo os Estados Unidos como a terra das oportunidades. Além de auxiliar na constituição de um imaginário voltado à migração, a experiência dos Carminati ainda possibilitou as primeiras conexões entre Criciúma e a região de Boston.

A trajetória citada nos auxilia a compreender a constituição de um imaginário migratório na cidade de Criciúma. Contudo, outro evento também contribuiu para a consolidação de um imaginário voltado à valorização da figura do *pioneiro*, do migrante: as *Comemorações do Centenário de Criciúma* realizado em 1980.⁶

A data da comemoração remete à chegada das primeiras famílias italianas na região, sendo essa migração considerada o marco fundador da cidade. Assim, no ano comemorativo, foram lembradas como formadoras do município cinco etnias: italiana, alemã, polonesa, portuguesa e negra. Essas etnias foram homenageadas com uma intensa

programação festiva, cujas festividades tinham como objetivo evidenciar as características étnicas de cada grupo, destacando sua contribuição para a história da cidade, como também, possuíam em seu discurso a ênfase de que a união de cada etnia teria possibilitado a constituição da cidade. Os estudos que auxiliaram na preparação do centenário evidenciavam as famílias dos migrantes e exaltavam suas trajetórias como bem-sucedidas. Pesquisas de genealogia; arrecadação de objetos para a formação do museu da cidade; a construção de monumentos e a valorização do sobrenome de algumas famílias foram resultados desse processo.

Assim, vale ressaltar que se reforçou um imaginário em torno da imigração, pois as falas relacionadas aos colonizadores exaltavam o sucesso migratório de suas experiências. As narrativas migratórias são repletas de dificuldades, superação, fé e determinação. As dificuldades são sempre evidenciadas, e dessa forma, a trajetória dos imigrantes se torna ainda mais heroica. A imagem do imigrante está calcada na superação; em sendo assim, independentemente das adversidades enfrentadas no local de destino migratório, a determinação para vencê-las foi (e ainda é) a principal característica desses migrantes. Através dessas narrativas, percebe-se a constituição de um estereótipo de migrante e de migração em Criciúma, o qual cunhou na cidade a imagem do imigrante que “deu certo”.

Essa valorização dos migrantes fez com que muitos dos cidadãos de Criciúma se interessassem em pesquisar sobre suas origens. Muitas famílias perderam ou se desfizeram de documentos de seus antepassados, principalmente no período em que Getúlio Vargas instituiu a Política de Nacionalização. Desse modo, a procura por informações sobre os antepassados aumentou na mesma proporção em que se divulgava uma nova imagem desses colonizadores. Esse foi um momento em que os contornos étnicos estavam sendo delineados, e novas constituições identitárias divulgadas. Um exemplo disso pode ser visto no sentimento de italianidade. Segundo Savoldi (1998, p. 43), “valores que serviam para depreciar são ressignificados, o que no passado significava ser grosso, colono, agora denota sinônimo de *status*”.

Essa busca por informações acerca dos antepassados aumentou a procura pela dupla cidadania. Aos descendentes de italianos o que

assegura o reconhecimento dessa cidadania é o *Jus Sanguinis*, ou seja, “vínculo sanguíneo do ascendente italiano em linha direta até seus descendentes, sejam do bisavô para o avô, desse para o pai, do pai para o filho, em sequência até o pretendente, sem limites de geração”. (SAVOLDI, 1998, p. 81). Para muitos, conseguir a dupla cidadania significava um elo de ligação com os antepassados. Era uma forma de valorizar as diferentes trajetórias de tantas famílias de imigrantes que teriam colonizado a região do sul catarinense. Essa procura pela dupla cidadania foi realizada, principalmente, pelos descendentes de famílias italianas. Logo, possuir cidadania europeia podia significar, para muitas pessoas, mais do que um vínculo com o passado em outras terras; podia significar, também, a oportunidade de buscar novas terras. Com o aumento do fluxo migratório para os Estados Unidos, a liberação de vistos para esse país se tornou muito difícil nos últimos anos. Assim, portar um documento que apresenta cidadania europeia é uma estratégia utilizada por muitos para ter acesso ao “sonho americano.” A cidadania europeia pode ser encarada como mais uma escala na viagem rumo aos Estados Unidos.

Nessa breve análise sobre a constituição de um imaginário criciumense em torno da migração, evidenciamos que vários elementos estavam presentes na cidade reforçando esse imaginário. A etnicidade valorizada pelo centenário e a exposição da trajetória de lutas dos primeiros colonizadores ajudaram a difundir a busca por novas terras e o sonho de uma imigração bem-sucedida. Evidentemente, esses processos são muito diferentes, no entanto, o discurso migratório é assumido pela cidade, e a migração é ressignificada. Ao acionar a etnicidade dos antepassados, os criciumenses também utilizam a dupla cidadania como trampolim para viver a experiência migratória.

Vale salientar que os criciumenses, em grande parte, não migram para os locais onde viveram seus antepassados, ou seja, elementos da migração de colonização são evocados, porém são transformados por um novo contexto. Nesse novo contexto, o sonho migratório é direcionado aos Estados Unidos, país que divulga sua cultura e instiga muitos a buscarem o sonho de “fazer a América”. As propagandas relacionadas aos Estados Unidos faziam parte do cotidiano da cidade, assim como as histórias de sucesso e aventura divulgadas pelos Carminati.

Ao elucidar alguns elementos que auxiliaram na criação de um imaginário voltado à migração na cidade de Criciúma, também devemos destacar que, ao migrar para os Estados Unidos, Jaci Carminati fez a primeira conexão com a região de Boston. Em seguida, Jaci levou aos Estados Unidos parentes e amigos, sendo que esses também incentivaram outras migrações, e essas redes tecidas pelos migrantes evidenciam outra característica fundamental para o elevado número de cricumenses nos Estados Unidos: as redes sociais.

Para analisar a complexidade dos fenômenos migratórios, muitos autores estão recorrendo ao estudo das *redes sociais*.⁷ “Esses autores consideram a necessidade de estudar a migração, não como uma decisão individual baseada em critérios econômicos. A decisão de migrar passa por um conjunto de conexões estabelecidas por relações sociais.” (SIQUEIRA, 2006, p. 39). As redes sociais podem ser compreendidas como mecanismos facilitadores no processo migratório.

As redes constituídas são como pontes em que informações entre o local de origem e o de destino migratório são transmitidas e ajudam a diminuir os riscos do projeto migratório, pois se configuram, num primeiro contato, com o país de destino. Através dessas redes – que são estabelecidas entre parentes, amigos e conterrâneos – circulam informações referentes a emprego e à moradia no local de destino, informações cruciais para um recém-chegado.

Vale ressaltar que grande parte dos brasileiros que migram para os Estados Unidos não domina a língua inglesa, fato que acarreta diversos problemas na sociedade receptora. Esses problemas decorrentes das diferenças entre os países de origem e destino são amenizados quando as redes sociais são acionadas. Através dessas redes, os migrantes promovem o *help*, que seria o auxílio a um recém-chegado. Imigrantes estabelecidos no país de destino hospedam os novos migrantes em sua casa, muitas vezes gratuitamente, por um pequeno período, até que aquele possa arranjar emprego e moradia. Esse auxílio também pode ser acionado em diferentes momentos, como na travessia da fronteira (principalmente quando essa é realizada via México), na procura por emprego e nos modos de obterem os documentos, não somente de legalização, mas também documentos falsos.

Nesse sentido, evidencia-se que as redes sociais agem tanto no local de origem quanto no local de destino do fluxo, pois o auxílio prestado através das redes vai

desde presentes para os parentes que moram no Brasil, até o cuidado dos filhos que permaneceram no país pelos avós, ou empréstimos para aqueles que ficaram e a administração do dinheiro que os migrantes remetem pelos parentes, ou uma força dos pais viajando para o país de destino quando as filhas estão para ganhar seus filhos/as nos Estados Unidos. Esse dar e receber não ocorre sem conflitos, mas o que importa ressaltar é a relevância dessas conexões para o empreendimento migratório. (ASSIS, 2004, p. 58-59).

As conexões estabelecidas através das redes sociais, entre o lugar de origem e o destino migratório, evidenciam que as redes auxiliam no direcionamento do fluxo migratório. Isso se dá porque as informações entre os locais são transmitidas com facilidade. Assim, visando diminuir os riscos da migração para o Exterior, os futuros migrantes se direcionam a locais em que possam contar com o apoio de amigos, parentes ou conterrâneos.

Assim, os imigrantes potenciais concentram-se naquelas poucas localidades onde têm fortes ligações com o lugar de origem deixando de considerar muitos outros destinos teoricamente disponíveis. Neste sentido, as redes limitariam as opções dos migrantes. (SASAKI; ASSIS, 2000, p. 11).

Na cidade de Criciúma, nota-se evidenciar a constituição de uma complexa rede de relações que conecta algumas cidades da região de Boston à vida cotidiana dos criciumenses. Nesse contexto, fica claro que a consolidação das redes sociais na cidade foi de fundamental importância para a constituição e a manutenção do fluxo aos Estados Unidos. Como já demonstrado, as crises econômicas, o imaginário em torno da migração e a presença de alguns elementos que propagandeavam os Estados Unidos em Criciúma são alguns pontos que levaram muitos criciumenses a buscarem os Estados Unidos como alternativa de uma melhor condição de vida. No entanto, as redes asseguram a continuidade do fluxo através

do tempo. A troca de informações entre os lugares, as remessas enviadas pelos migrantes, a *propaganda* que muitos parentes fazem em torno das *facilidades* de se ganhar dinheiro no Exterior ajudam a manter vivos os elos entre os lugares e auxiliam muitos criciumenses a migrarem para os Estados Unidos.

Dessa forma, as redes sociais constituídas em Criciúma são de fundamental importância para analisarmos o fluxo migratório em direção aos Estados Unidos. Outros elementos, como as agências de viagem, também estão presentes na cidade facilitando o fluxo. No entanto, a maioria dos criciumenses utiliza pessoas conhecidas para obter informações e auxílio tanto para a viagem quanto para a chegada no país de destino. “Portanto, as redes sociais também revelam que a migração é um projeto econômico, familiar e afetivo, que envolve aqueles que partiram e aqueles que ficaram no processo.” (ASSIS, 2004, p. 69).

Mesmo com esses laços entre a terra natal e o destino migratório, o migrante chega aos Estados Unidos ainda com uma imagem idealizada do país e de sua condição. Muitas informações sobre as dificuldades de se viver em outro país são subtraídas das narrativas dos retornados, ou mesmo das fotografias e falas daqueles que ainda estão no contexto migratório. A adaptação ao clima, ao idioma, a distância da família, a necessidade de uma longa jornada de trabalho são apenas algumas das barreiras encontradas pelos migrantes. Assim, muitos decidem antecipar o retorno e rever seus planos migratórios. Do contexto criciumense, infere-se que a grande maioria dos migrantes parte da cidade com o claro objetivo de retornar. No entanto, esse retorno apresenta uma perspectiva temporal baseada na obtenção de determinados valores ou na aquisição de imóveis, carros, possibilidade de montar um negócio próprio. Nesse sentido, é necessário enfatizar, neste artigo, a fala de alguns retornados que expressam experiências que vão muito além da limitação geográfica das fronteiras, pois as imagens da migração, a aventura de imigrar e o retorno à cidade de origem transformam o sujeito que parte em busca da concretização de seu sonho. Acreditando que o mundo globalizado possibilita atenuar determinadas diferenças, esse sujeito se vê repleto de sentimentos e espaços difusos.

O sonho americano e a realidade do desembarque: migração e retorno

Retornar é migrar novamente. Mesmo voltando para um lugar conhecido, as experiências pessoais de quem migrou e de quem ficou são diferentes daquelas adquiridas no momento da migração. Desse modo, retornar – assim como migrar – também é um projeto coletivo.

Nesse sentido, ele normalmente está associado a eventos vitais, tais como a velhice, a aposentadoria ou a criação dos filhos. (SALES, 1999, p. 132). Infere-se que as dúvidas que giram em torno da duração da experiência migratória mantêm esse fenômeno com características provisórias. Sayad ressalta que

umas das características fundamentais do fenômeno da imigração é que, fora algumas situações excepcionais, ele contribui para dissimular a si mesmo sua própria verdade. Por não conseguir sempre pôr em conformidade o direito e o fato, a imigração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade. (1998, p. 45).

Além das implicações pessoais, o retorno também está associado à realidade do país de destino e do país de origem. Assim, após os acontecimentos do 11 de Setembro de 2001, nos Estados Unidos, muitos migrantes repensaram seu projeto migratório, já que esse episódio disseminou um sentimento de insegurança sobre o país. O 11 de Setembro também desencadeou um maior controle nas fronteiras e na emissão de vistos, assim como uma “caça às bruxas” contra os imigrantes indocumentados. Essa relação com o país de destino piorou ainda mais com a crise econômica que desde 2007 desestabilizou o mercado imobiliário estadunidense. (ASSIS; CAMPOS, 2009, p. 93). Segundo Monica Santos,

os Estados Unidos já não era aquela potência né (se refere ao período em que migrou, meados de 2004) depois também veio a crise, então, já não ficou tão bom de adquirir né, dinheiro e guardar o dinheiro, porque a vida lá é também muito cara. A gente tem gastos lá que o aluguel é muito caro, todas as despesas né são muito pesadas. Então, hoje em dia, até quando eu vim também [...] todos os brasileiros já tão sentido bastante a dificuldade de dinheiro de até não sobrar de faltar lá. Então por isso acho, acredito que muita gente tá vindo embora também por esse motivo, não tá mais conseguindo suportar lá né, então é mais fácil vir embora. (2010).⁸

Após esses acontecimentos, muitos imigrantes ficaram receosos com sua situação no país (principalmente os indocumentados), mas também preocupados com a condição de vida nos Estados Unidos, que foi abalada tanto na questão da segurança quanto na econômica. Juntamente com a situação vivenciada no país de destino, também existe uma motivação com relação ao Brasil. Muitos migrantes relataram que a situação do Brasil vem melhorando nos últimos anos, e essa melhora atribuída ao País faz com que muitos retornem à terra natal.

Dessa forma, ao analisarem questões particulares e também a conjuntura na qual estão envolvidos, os migrantes quando decidem pelo retorno, estão finalizando uma etapa, concluindo um processo, que muitas vezes acabou durando mais que o esperado, ou menos que o desejado. Mesmo voltando para um lugar conhecido, retornar é mudar novamente. A decisão por essa nova mudança “implica uma agitação constante e isso remete ao tema da identidade de quem volta que, por sua vez, tem a memória em constante ebulição, fomentando juízos de valor sobre a experiência como um todo”. (MEIHY, 2004, p. 343). Assim, o estranhamento com a cidade da qual um dia partiu faz parte do retorno.

De modo geral, enquanto estão nos Estados Unidos, os migrantes buscam manter contato com seus familiares e amigos para amenizar a distância. Nos últimos anos, a internet tem sido um dos principais meios de “matar” a saudade da terra natal, são *e-mails*, fotografias e conversas pela *webcam* que aproximam os quilômetros de distância. Nesse período, o migrante recorda de suas vivências na cidade, de seus amigos e familiares. Contudo, ao tomar a decisão de voltar, percebem que muita coisa mudou e a todo momento tecem comparativos entre os dois lugares.

Nesse sentido, não foram somente os anos que passaram e alteraram as características da cidade, foi a própria experiência migratória que transformou o migrante.

As experiências vivenciadas nos Estados Unidos contrastam com o modo de vida criciumense. Por mais que a cidade tenha mudado, e muitos afirmam que a cidade cresceu muito nos últimos anos, ainda assim, os retornados percebem uma diferença entre o ritmo dos diferentes lugares e passam a estranhar o que imaginavam ser tão familiar.

A distância e a experiência migratória permitem ao migrante mudar a forma de olhar a cidade, o modo como as pessoas vivem e permite contestar elementos antes naturalizados. Além desses estranhamentos com relação à Criciúma e ao retorno, ainda existe o estranhamento com relação às pessoas, que também mudaram. Mesmo não tendo se deslocado como o migrante, as pessoas seguiram sua vida e transformaram suas relações. Todos esses fatores demonstram que os migrantes criam uma imagem da cidade e das relações urbanas e familiares e as “congelam”, congelam o espaço no tempo. Nesse sentido, os migrantes parecem suspender no tempo o período em que ficaram longe. Pensam que, ao voltar, vão dar continuidade à sua vida exatamente como era no dia em que partiram. Sarvalaio pontua essa questão em entrevista: “Tu vai pros Estados Unidos e tu pensa que quando tu volta as coisas estão exatamente como tu deixou. E o quê que acontece? Também muda. As pessoas que estão aqui, as coisas, a vida continua.” (SARVALAIO, 2010).

As diferenças entre a imagem que se consolidou e a realidade encontrada no retorno fazem com que o processo de readaptação seja muito difícil. A sensação de não pertencimento acompanha o retornado que não reconhece mais o espaço ao qual pensava pertencer. Nesse norte, muitos deles acabam enfrentando um novo processo migratório, em busca de um lugar em que se sintam em casa.

Para exemplificar essas relações acompanhemos a trajetória de Edna Farias da Silva. Essa criciumense, no início dos anos de 1990, estava com dificuldades para pagar a faculdade de Engenharia de Agrimensura. Assim, entrou em contato com pessoas que haviam retornado de uma experiência migratória. Com esse contato estabelecido, ela, aos 19 anos, foi para a Suíça para colher uvas. Ao embarcar no avião no Rio de Janeiro, percebeu que havia um grupo de mais de trinta criciumenses indo

também para a Suíça, pessoas que ela não conhecia antes do embarque. Ao chegar ao país de destino, Edna alterou os planos iniciais e foi em busca de outras oportunidades. Trabalhou como babá e, posteriormente, foi para a universidade estudar francês. Ao concluir seus estudos, não conseguiu meios de se legalizar na Suíça e decidiu voltar ao Brasil. “Voltei pro Brasil, mais a adaptação não aconteceu. Foi assim, foram conflitos e interrogações e falta de apego, de contato, porque sai com 19 anos né [...] e aí voltei, não encontrei mais ninguém.” (SILVA, 2010).

Com problemas de adaptação, decidiu migrar novamente. Como havia mantido contato com uma das pessoas que haviam ido para a Suíça e que na época já havia migrado para os Estados Unidos, decidiu partir para aquele país também. Nos Estados Unidos, Edna casou com um criciumense e teve duas filhas. Trabalhou a maior parte do tempo numa rede de cafeterias, mas, por conta de algumas doenças na família, decidiu voltar para Criciúma para estar mais próxima dos pais e também dos sogros. Dessa vez, se preparou para retornar, pois sabia que a adaptação seria difícil, já que, em outra ocasião, havia passado por essa experiência e não conseguira ficar na cidade.

Como eu já tinha feito a experiência de na época que eu tava na Suíça de voltar e ficar, eu já entendi que não era fácil chegar e ficar, eu já entendia que tanto a situação econômica como social, como de relação interpessoal, como de família não, não era fácil. Já sabia que eu tinha perdido o contato e o vínculo com todos. [...] Esses campos em que a gente tem relação onde, quando a gente tem um vínculo com a terra, com o lugar da gente. Então eu já cheguei preparada pra tá meio que dentro de uma bola sozinha e... meio que sabendo que eu ia ter que procurar me integrar em todos os aspectos, né? Aí onde eu achei que eu ia, que ia ser mais fácil, seria de início já ter esse vínculo com a faculdade, com a universidade, e aí eu ia pôde tá tendo um objetivo de vida, um objetivo profissional, um grupo social onde eu ia tá podendo me integrar por um ponto em comum que seria o curso, pessoas onde eu ia poder tá conversando porque tanto no... nos desejos, objetivos, vocabulário, nada disso mais fechava, nada disso mais tinha em comum, né? As ideias né tudo era diferente vindo de um lugar [...] de uma outra cultura, um outro nível social de povo... Ah! outros hábitos enfim é como tu, como ter saído do Brasil a primeira vez e ido morar fora. Agora eu tava saindo do meu lugar fora vindo de novo pra um lugar estranho praticamente, onde eu tive que me readaptar por

completo o que tinha aqui que me fazia, que me dava segurança era essa... era o vínculo dos pais, então, os pais estavam aqui, mas e aliás por acaso, [...] tanto os meus pais quanto os dele (marido) tinham se mudado do local onde eles moravam, da cidade, então meio que ficou assim o pai, os pais eram o vínculo, mas não estavam no local físico habitual. (SILVA, 2010).

Edna tentou fazer o possível para vir preparada para esse novo processo de readaptação. Assim, depois de anos nos Estados Unidos (migrou em 1994), ela buscou na universidade o estabelecimento de um vínculo para que pudesse se sentir mais segura nesse processo. Assim, como sempre, teve o objetivo de cursar Psicologia. Ela ingressou na universidade poucos dias depois de ter retornado à Criciúma. Contudo, se reencontrar na cidade não foi fácil, pois, como ela mesma enfatiza, a casa dos pais e a dos sogros que eram uma referência, principalmente a dos pais, não era mais a mesma. Assim, o ponto de referência também estava modificado, o que aumentou a sensação de estranhamento. Era como ir para um

país completamente novo, um mundo completamente desconhecido novamente. Mesmo conhecendo as pessoas, mesmo sendo da mesma raiz [...] a gente não falava mais a mesma língua como suposto, né? Não tinha mais o mesmo signo de comunicação. (SILVA, 2010).

Essa sensação de estar deslocada foi percebida por ela ao tentar encontrar uma casa na cidade. Após procurar muito, não conseguiu achar um lugar que pudesse reconhecer e passou a tarefa da compra do imóvel para o companheiro. Para ela era difícil achar um espaço para se reconhecer e chamar de lar. “São três anos e meio que eu estou tentando reconstruir esse vínculo com o lugar.” (SILVA, 2010).

Para muitos emigrantes o retorno é angustiante, pois a cidade à qual estavam retornando era o seu lar, o seu lugar, no entanto, ao chegar, não eram esses os sentimentos que a cidade despertava. Segundo Mônica Santos sua a experiência de retorno foi um

Choque, né? É quando fui pra lá foi o impacto da língua, dos costumes, da cultura, de tudo, tu tem que se adaptar. Quando eu voltei foi uma readaptação, né? de começar a rever o que eu já tinha deixado, só que quando tu vive em outro lugar muito tempo depois volta, tu fica bem confuso eu fiquei muito assim... agora que eu tô conseguindo me localizar novamente e tal, mas os primeiros meses são muito ruins, são muito difíceis, se tu não tem uma cabeça boa, se tu não... é muito difícil tu assimilar a diferença e não porque lá é melhor ou pior, não é isso é... a tua mente, o teu corpo, é tudo. Pra ti aceitar que tu tá em outro lugar tu tá em outro ritmo é muito difícil. (SANTOS, 2010).

Essas diferenças entre os ritmos vividos nos diferentes lugares acompanham o retornado em todas as suas experiências. Mesmo que muitos deles evitem tecer comparativos com frequência entre os lugares, é praticamente inevitável a comparação entre os modos de vida nos Estados Unidos, ou melhor na região em que viviam nesse país (majoritariamente em Boston) e a vivência em Criciúma. Quando questionados sobre as principais diferenças entre os lugares, destacaram a organização e a educação na sociedade estadunidense como sendo as principais diferenças. Nesse sentido, relatam que nos Estados Unidos há uma maior organização no trânsito e na segurança, e que as pessoas são mais educadas, obedecem às normas, principalmente as de trânsito. Os comparativos do tráfego entre os dois lugares são uma fala comum dos retornados.

Então a gente choca porque no trânsito, por exemplo, é muito organizado tu dirigi com muita calma, as pessoas esperam, têm paciência, o pedestre tem a prioridade. Então... aqui não, aqui eu no começo tava com medo de pegar o carro porque era muito difícil. (SANTOS, 2010).

De modo geral, apesar de criticarem alguns elementos que antes da experiência migratória não eram considerados problemas, a maioria dos retornados aponta melhoramentos na cidade, principalmente com relação as serviços ligados aos setores de alimentação, tais como os de tele-entrega. A comparação constante entre o modo de vida dos dois países leva muitos retornados a se sentirem como se estivessem divididos entre dois lugares. Por conta do mal-estar gerado por essa sensação,

muitos se perguntaram se a experiência valeu a pena, se conseguiram atingir seus objetivos e também começaram a pensar como teria sido sua vida caso não tivessem migrado. Essas perguntas evidenciam como a experiência migratória é marcante àqueles que optam vivenciá-la. Para Silvano Salvador,

a partir do momento que tu conhece um outro ritmo, um outro estilo de vida, uma outra cultura, tu fica sempre dividido. Com todos que eu converso, amigos que eu tenho contato aqui também pensam a maioria do mesmo jeito... Fica assim... tu queria os dois: tu queria a junção das duas coisas numa só, aí seria perfeito. (SALVADOR, 2010).

A ideia de que a junção de características entre os dois lugares seria uma solução perfeita, destaca com clareza a angústia dos que retornam, visto que não se reconhecem mais em um só lugar.

Eu já não sou mais a Edna brasileira. Hoje eu já sou a Edna: a brasileira americana, suíça é como se eu tivesse dividida num bolo em três partes, né? Pra qualquer um dos três lugares que eu voltasse eu me sentiria da mesma maneira, metade em casa metade fora... Acho que essa é a sensação que eu carrego. (SILVA, 2010).

Essa angústia vivenciada no retorno à terra natal apresenta-se para alguns mais difícil do que a decisão de emigrar. (Siqueira, 2006, p. 83). Por isso, muitos dos que voltam e não sabendo lidar com o processo de readaptação, partem novamente do seu país e se caracterizam como transmigrantes: pessoas que buscam viver em diferentes lugares, em que as fronteiras não representam mais lugares estranhos ou conhecidos, mas lugares em que o migrante fica em trânsito, por tempo indefinido.

Nesse sentido, conclui-se inferir que muitas são as conexões que aproximam os criciumenses dos Estados Unidos e do ideal da migração. A circulação de narrativas de sucesso migratório; as aventuras em busca do sonho americano e o retorno ao local de origem para, enfim, consolidar o sonho migratório são elementos fundamentais nesse processo. No entanto, entre as representações que consolidam os contornos do projeto migratório e as experiências pessoais de cada migrante, se percebem as

particularidades desse movimento e ambiguidades presentes na decisão entre partir e ficar; assim, as fronteiras não são apenas elementos de marcação territorial; elas podem surgir no choque entre a vivência e o imaginário; entre o lugar comum e o estranhamento.

Notas

¹ Segundo a autora, as dez cidades seriam: Governador Valadares; Belo Horizonte; Rio de Janeiro; São Paulo; Ipatinga; Vitória; Goiânia; Anápolis; Brasília e Criciúma.

² Utilizarei a periodização proposta por Carola, que adotou como critérios para a formação dos períodos as políticas institucionais implantadas pelo Estado e sua relação com a conjuntura mundial.

³ Uma análise mais detalhada sobre essas reportagens pode ser encontrada em (CARDOSO, Michele Gonçalves. *De volta para casa: a inserção dos retornados à cidade de Criciúma – SC (1994-2009)*. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Udesc, Florianópolis, 2011.

⁴ Praia próxima da cidade de Criciúma em que muitos criciumenses passam as férias.

⁵ CARMINATI, Roberto. *A Fronteira*, 2003. 107min.

⁶ Maiores informações sobre a temática: (CAMPOS, Emerson César de. *Territórios deslizantes: recortes, miscelâneas e exposições na cidade contemporânea:*

Criciúma – SC (1980-2002). 2003. 235 p. Tese (Doutorado em História) – UFSC, Florianópolis, 2003. NASCIMENTO, Dorval do. *Faces da urbe: processo identitário e transformações urbanas em Criciúma – SC (1945-1980)*. 2006. 242 p. Tese (Doutorado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2006.

⁷ Com relação às redes sociais, vale ressaltar que alguns teóricos fazem distinções entre essas redes. Alguns entendem ser pertinente dividi-la em três categorias: social, pessoal e migratória. Para uma compreensão mais aprofundada sobre o tema, ver a discussão na tese da Socióloga Sueli Siqueira e na tese da Antropóloga Gláucia de Oliveira Assis. Este trabalho não visa a um aprofundamento das teorias em torno das redes sociais; nesse sentido, vamos apontar às contribuições dessas redes, de modo geral, na cidade.

⁸ Mônica migrou em 2004 retornando à cidade no final de 2008. Decidiu aproveitar a experiência com a língua inglesa. Na época da entrevista, estava cursando Letras/Inglês com o objetivo de lecionar em escola de idiomas da região.

Referências

- ASSIS, Gláucia de Oliveira. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros*. 2004. 340 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Unicamp, Campinas, 2004.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira; CAMPOS, Emerson Cesar de. De volta para casa: a reconstrução de identidades de emigrantes retornados. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 1, n 2, p. 80-99, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/tempo/article/viewFile/1834/1437>>. Acesso em: 10 maio 2010.
- CAMPOS, Emerson César de. *Territórios deslizantes: recortes, miscelâneas e exposições na cidade contemporânea: Criciúma – SC (1980-2002)*. 2003. 235 p. Tese (Doutorado em História) – UFSC, Florianópolis, 2003.
- CARDOSO, Michele Gonçalves. De volta para casa: a inserção dos retornados à cidade de Criciúma – SC (1994-2009). Dissertação (Mestrado em História) – Udesc, Florianópolis, 2011.
- CAROLA, Carlos Renato. *Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.
- GOULARTI, Alcides. *Padrões de crescimento e diferenciação econômica em Santa Catarina*. 2001. 391 p. Tese (Doutorado em Economia) – Unicamp, Campinas, 2001.
- MARTES, Ana Cristina Braga. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Brasil fora de si: experiências de brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola, 2004.
- NASCIMENTO, Dorval do. *Faces da urbe: processo identitário e transformações urbanas em Criciúma – SC (1945-1980)*. 2006. 242 p. Tese (Doutorado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2006.
- SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.
- SALVADOR, Silvano (autônomo). Entrevista em história oral para a pesquisa: De volta para a casa: a inserção dos retornados à cidade de Criciúma – SC. Concedida à Michele Gonçalves Cardoso. Criciúma 25 mar. 2010.
- SANTOS, Gislene Aparecida. *Estados, redes sociais e fronteira: a migração do sul catarinense para os Estados Unidos*. 2007. 206 p. Tese (Doutorado em Geografia) – UFSC, Florianópolis, 2007.
- SANTOS, Monica (desempregada). (Pseudônimo/sigilo). Entrevista em história oral para a pesquisa: De volta para a casa: a inserção dos retornados à cidade de Criciúma – SC. Concedida à Michele Gonçalves Cardoso. Criciúma 25 mar. 2010.
- SARVALAIO, Glade (diretora executiva). Entrevista em história oral para a pesquisa: De volta para a casa: a inserção dos retornados à cidade de Criciúma – SC. Concedida à Michele Gonçalves Cardoso. Criciúma, 9 abr. 2010.
- SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teorias das migrações internacionais. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABEP, 12., 2000, Caxambú. p 1-19. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt16_2.pdf>. Acesso em: 10 out. 2000.

- SAVOLDI, Adiles. *O caminho inverso: a trajetória de descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania*. 1998. 149 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – UFSC, Florianópolis, 1998.
- SAYAD, Abdelmalek. Entrevista em história oral para a pesquisa: De volta para a casa: a inserção dos retornados à cidade de Criciúma – SC. Concedida à Michele Gonçalves Carodoso. Criciúma, 30 abr. 2010.
- SILVA, Edna Farias da (professora). Entrevista em Criciúma 30 de Mar. de 2010.
- SIQUEIRA, Sueli. *Migrantes e empreendedorismo na microrregião de Governador Valadares: sonhos e frustrações no retorno*. 2006. 178 p. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – UFMG, Belo Horizonte, 2006.
- VOLPATO, Terezinha Gascho. *Vidas marcadas: trabalhadores do carvão*. Tubarão: Unisul, 2001.

